

Caros Espectadores,

Devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do festival sofrerá algumas alterações. Pedimos a compreensão de todos para a necessidade de cumprimento de todas as normas.

- 1 – Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Devirão pois esperar no exterior a abertura de portas.
- 2 – Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
- 3 – Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
- 4 – Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
- 5 – Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
- 6 – O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
- 7 – A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



# 37.º FESTIVAL de almada

03-26 de JULHO 2020



Imagem: Pedro Proença

## TEATRO NACIONAL D. MARIA II (Lisboa, Portugal)

A partir de uma criação original pela COMPANHIA MUNDO PERFEITO

## By Heart

Texto e encenação de **Tiago Rodrigues**

Com fragmentos e citações de William Shakespeare, Ray Bradbury, George Steiner, Joseph Brodsky, entre outros.

**Cine-Teatro da Academia Almadense**  
**Auditório Osvaldo Azinheira** (Almada)

De Sáb. 4 a Dom. 12  
(em dias e horários diferenciados – consultar Programa)

Duração: 1h30m a 2h  
Classificação etária: M/12

## FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

### CENOGRAFIA, ADEREÇOS E FIGURINOS

Magda Bizarro

### INTERPRETAÇÃO

Tiago Rodrigues

### DIRECÇÃO DE CENA

André Pato

### PRODUÇÃO EXECUTIVA

Rita Forjaz

### PRODUÇÃO EXECUTIVA NA CRIAÇÃO ORIGINAL

Magda Bizarro

Rita Mendes

# DECORAÇÃO DE INTERIORES

“A última coisa a sair dos nossos lábios moribundos pode muito bem ser um poema”. É o que escreve o ensaísta Joseph Brodsky. Cito de memória. Brodsky defende que o poema nasce como um mecanismo que nos ajuda a apreender um mundo, simplificando a tarefa de apreender esse mundo. Assim, a poesia seria a arte de criar mnemónicas. “Como se estivesse consciente da fragilidade e desonestidade das faculdades humanas, o poema aponta ao alvo da memória humana, porque a memória costuma ser a última coisa a desaparecer, mesmo quando toda a nossa existência se desfaz à nossa volta, como se quiséssemos guardar uma memória do próprio desaparecimento.” Mais uma vez, cito de cor Joseph Brodsky. Por causa do meu trabalho como actor, há textos que entraram em mim, que se instalaram e que nunca mais me abandonaram. São inquietos discretos que habitam a minha memória, mas que podem ser acordados a qualquer momento.

É precisamente por ser o orgulhoso senhorio de todos estes inquietos da memória que, quando a minha avó transmontana estava a ficar cega e me pediu que escolhesse um livro para ela aprender de cor, para poder ler mentalmente quando deixasse de ver, embarquei numa viagem literária e labiríntica que ainda está a acontecer. Enquanto procurava o livro definitivo para a minha avó guardar na memória, criei um espectáculo intitulado *By Heart*, onde ensino um soneto de Shakespeare a dez espectadores que se voluntariam para subir ao palco. Neste espectáculo, conto histórias relacionadas com a minha avó, Boris Pasternak ou Ray Bradbury. Cito o professor de Literatura George Steiner que chama aos textos que guardamos na memória “a decoração da casa do nosso interior”, talvez ignorante de que em português “decorar” é sinónimo de “aprender de cor”.

Durante o espectáculo também recorro à história de Nadejda, a mulher de Ossip Mandelstam. Quando o poeta russo foi preso e os seus livros confiscados, ela passou a ensinar um poema a dez pessoas de cada vez na sua cozinha. Para que o marido continuasse a ser publicado na memória das pessoas. E é isso que tento fazer. Ensino um soneto de William Shakespeare a dez espectadores em cada espectáculo. Um dos sonetos do livro que escolhi para que a minha avó aprendesse de cor. Já são algumas centenas, os espectadores que, em várias línguas, aprenderam este soneto ao meu lado, no palco. E hesito em acreditar que, mesmo quando terminar a digressão da peça, alguma vez termine este périplo. Porque sei que é uma viagem em busca daquelas que poderão vir a ser as minhas próprias últimas palavras.

**Tiago Rodrigues**